

ENVELHECIMENTO E VELHICES: HETEROGENEIDADE NO TEMPO DO CAPITAL

AGING AND OLD AGE: HETEROGENEITY IN THE TIME OF CAPITAL

Denise Gisele Silva Costa*

Nanci Soares**

RESUMO: Neste ensaio teórico utiliza-se a pesquisa bibliográfica e documental a fim de se apreender o processo e envelhecimento e velhice e sua heterogeneidade, situada em uma sociedade capitalista, onde a produção e reprodução da vida social é marcada por complexos contraditórios. Ressalta-se que o processo de envelhecimento se dá por toda a vida, do nascimento até a morte e a velhice é tida como a fase final da vida, fase esta repleta de mitos e preconceitos. Neste ensaio, utiliza-se o termo velho desconsiderando seu sentido pejorativo muito em voga em uma sociedade mercantil e excludente, onde há um processo constante de fetichização e coisificação da vida humana em seus diversos tempos. Considerando o velho em sua totalidade social é possível percebê-lo enquanto heterogêneo, o processo de envelhecimento e a velhice não podem ser analisados apenas por fatores cronológicos e biológicos, muitos outros aspectos da vida social devem ser considerados, pois incidem diretamente na forma de se analisar esta velhice, tratando-se de uma construção social complexa, heterogênea e multifacetada não passível de homogeneização.

Palavras-chave: Envelhecimento; Velhice; Heterogeneidade; Velho Trabalhador.

ABSTRACT: *In this theoretical essay it uses the bibliographic documental research in order to learn the process and aging and old age and its heterogeneity, situated in a capitalist society, where the production and reproduction of social life is marked by contradictory complexes. Furthermore, it is worth noting that the aging process is lifelong, from birth to death and old age is taken as the final stage of life, a stage full of myths and preconceptions. In this work, it uses the term "old" disregarding a pejorative sense, known in a mercantile and excluding society, where there is a constant process of fetishization and commodification of human life in its many times. Whereas "the old" in its social totality, it is possible to perceive it as heterogeneous, the process of aging and old age cannot be analyzed only by chronological and biological factors, many other aspects of social life must be considered, because they focus directly on the way to analyze*

* Assistente Social. Doutoranda de Serviço Social pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UNESP, Campus de Franca). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Envelhecimento Humano, Políticas Públicas e Sociedade.

** Prof^{ta} Dr^a do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP- Campus de Franca, Pós-Doutorado pela Universidade de Aveiro – Lisboa-Portugal e Coordenadora do Núcleo da UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP – Campus de Franca. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa Envelhecimento, Políticas Públicas e Sociedade. Endereço: Rua Josepha Cano Vergara Pereira, 690 – Samell Park CEP 14409-219. e-mail- denisermjc@gmail.com.

this old age, In case of a complex social construction, heterogeneous and multifaceted social not subject to homogenisation.

Keywords: *Aging; Old age; Heterogeneity; Old Worker*

INTRODUÇÃO

Atualmente vivencia-se um momento ímpar de aumento da expectativa de vida da população mundial, podendo ser sentido em todos os continentes com suas devidas especificidades. A questão do fenômeno do envelhecimento da população mundial, tem chamado a atenção, exigindo novas posturas tanto do poder público quanto da sociedade civil.

O processo de transição demográfica em curso marcado pelo crescimento da população idosa e o declínio da taxa de natalidade pede um enfrentamento consistente que englobe as múltiplas questões impostas. Pois, tem-se um “agrisalhamento” da população mundial.

No Brasil, desde fins dos anos de 1960 foram detectadas sensíveis alterações na composição da faixa etária de idosos, atingindo o percentual de 8,6% da população total nos anos 2000.

Segundo o Relatório de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial de Saúde (2015) uma criança nascida no Brasil em 2015 pode esperar viver cerca de 20 anos a mais que uma criança nascida há 50 anos, é inegável que o aumento da expectativa de vida é uma conquista social, porém deve-se considerar que esta conquista não é linear, nem todas as populações tem tido o mesmo êxito em relação à longevidade, em países africanos como Serra Leoa a expectativa de vida em 2003 não ultrapassava a 36 anos, não tendo se alterado significativamente até o momento.

Sob o aspecto cronológico, a fronteira do envelhecimento tende a expandir-se, embora biologicamente devamos enfrentar os problemas de uma velhice subdesenvolvida, em decorrência das carências nutricionais, sanitárias, educacionais, habitacionais, etc. provocadas pelos desequilíbrios sociais e regionais do desenvolvimento. MAGALHÃES (1989, p.20)

Costa (2015) enfatiza que o processo de envelhecimento e velhice soa como um desafio por seu caráter heterogêneo, multifacetado e complexo. É necessário destacar que o processo de envelhecimento se dá por toda a vida, do nascimento até a morte, assim a partir do nascimento estamos envelhecendo. A velhice é uma construção social, demarcada como a última fase da vida, carregada de preconceitos e mitos.

Paiva (2014) a partir de dados fornecidos pelas Nações Unidas revela que a população idosa têm crescido de forma expressiva, considerando que em 2000 o número estimado de pessoas com mais de 60 anos era de 605 milhões, em 2011 passou-se para 893 milhões com uma perspectiva para 2050 de se atingir 2 bilhões de idosos em todo o mundo, neste período há a probabilidade de os idosos se equipararem em número com a população infantil de 0-14 anos. “[...] O crescimento da população idosa e o declínio da infantil irão marcar a primeira vez na história em que o número de crianças e pessoas idosas será semelhante”. (p.25)

Por sua expressividade o envelhecimento e a velhice passaram a ocupar lugar de destaque na agenda das políticas públicas, assim criou-se o termo “envelhecimento ativo” adotado pela Organização Mundial de Saúde no final dos anos de 1990, procurando passar uma mensagem que vá além do envelhecimento saudável, reconhecendo além da necessidade dos cuidados com a saúde, outros fatores preponderantes no envelhecimento.

Foram realizadas duas assembleias mundiais sobre o envelhecimento com o intuito de se discutir e dar visibilidade ao segmento idoso que se torna cada vez mais expressivo, a primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento foi realizada em Viena em 1982, neste evento foi elaborado o Plano de Ação Internacional de Viena, mais conhecido como Plano de Viena, era o início de um programa internacional de ação que objetivava garantir a segurança econômica e social dos velhos, e também sua participação no desenvolvimento de seus países.

Importante ressaltar que esta primeira Assembleia trazia em seu bojo a preocupação com populações específicas, a dos países desenvolvidos, sendo estes os primeiros a vivenciarem o

fenômeno da longevidade, ou seja, tratava-se de uma população que já vivenciava condições objetivas de vida muito favoráveis se comparadas aos países em desenvolvimento.

A segunda Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento foi realizada em Madri em 2002, neste evento houve uma maior atenção dedicada aos países em desenvolvimento devido a transição demográfica agora vivenciada também pelos países periféricos, ou seja, esses países também passam a vivenciar uma realidade de longevidade, de envelhecimento da sua população.

De acordo com Paiva (2014, p. 29)

A segunda AME veio reafirmar o discurso pelo Envelhecimento Ativo, indicando uma verdadeira bula a ser seguida enquanto estratégia mundial (global, nacional e local) cujo tripé ‘independência, participação e segurança’ reforça os princípios das Nações Unidas em favor das pessoas idosas.

Paiva (2014) também afirma que desde a primeira Assembléia Mundial do Envelhecimento em Viena o debate sobre o processo de envelhecimento tem ganhado espaços relevantes de discussão, seja na academia, na gestão pública e mesmo na sociedade civil, no entanto estes dão respostas apenas à manifestações específicas e imediatas do fenômeno em curso. O discurso oficial se mostra preocupado e comprometido principalmente com a qualidade de vida e saúde do velho trabalhador, mas as condições reais não condizem com este discurso.

Teixeira (2008, p.41) assim se posiciona:

Portanto, o traço comum dessa difusão internacionalista das preocupações sociais com o envelhecimento é abordá-lo em sua universalidade abstrata, desconsiderando-se as condições materiais de existência na sociedade do capital, o fato de que há idosos em diferentes camadas, segmentos e classes sociais, que eles vivem o envelhecimento de forma diferente e, principalmente, de que é para os trabalhadores envelhecidos que essa etapa da vida evidencia a reprodução e ampliação das desigualdades sociais,

constituindo o envelhecimento do trabalhador uma das expressões da questão social na sociedade capitalista, constantemente reproduzida e ampliada, dado o processo de produção para valorização do capital, em detrimento da produção para satisfazer as necessidades humanas dos que vivem ou viveram da venda da sua força de trabalho.

1 VELHICES NA ÓRBITA DO CAPITAL

A velhice se mostra heterogênea, sendo possível entender que o processo biológico do envelhecimento é permeado por condicionantes sociais que lhe imprimem características específicas de cada sociedade, de cada momento histórico, além de fatores extremamente relevantes como classe social, etnia, gênero, papéis e significados distintos em função do meio rural e urbano, atividade laboral ou mesmo fatores como a cultura, ideologia dominante, poder político e econômico predominante, relação entre Estado e Sociedade que permeiam o indivíduo em todo seu processo de envelhecimento e velhice, ou seja, do nascimento até a morte. “Em todos os casos lidamos com construções sociais que não só descrevem, mas também atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos e etapas da existência.” MAGALHÃES (1989, p.17)

Ao afirmarmos que a velhice e o envelhecimento são heterogêneos, não são o mesmo e não se manifestam da mesma forma à todos, passamos a entender que o velho é o reflexo deste conjunto de condicionantes, é o resultado de um processo, e não algo novo, desconectado daquilo que o indivíduo foi e viveu em toda a sua vida. Dentro desta perspectiva histórica e de totalidade podemos compreender o velho como uma invenção social, fruto de uma sociedade que determina a sua valorização ou seu contrário em aspectos múltiplos e opostos.

“Por isso mesmo, somos levados a concluir que a velhice e o envelhecimento são socialmente construídos. A partir do referencial biológico, fatores não biológicos marcam profundamente o ritmo,

a natureza, a estrutura, funções e significações da velhice, a ponto de perguntarmos se a velhice não é antes de tudo uma entidade criada em um processo social em que alguns atribuem a outros pesos e medidas.” Magalhães (1989, p.20)

Magalhães (1989) corrobora com a visão de uma velhice extremamente heterogênea, envolvendo múltiplas dimensões como a biológica, cronológica, social, demográfica, econômica, cultural, psicológica, ideológica e política.

É possível verificar o impacto que fatores econômicos, sociais e geográficos causam no envelhecimento e na velhice, se compararmos um indivíduo proveniente de classes sociais mais abastadas, com um percurso profissional intelectual e um velho trabalhador rural do sertão nordestino brasileiro, mesmo que ambos tenham a mesma idade cronológica dificilmente apresentaram a mesma idade biológica e social, o desgaste sofrido pelo trabalho manual, intensivo e insalubre durante toda a vida refletem diretamente na condição de vida, suprimindo uma possível qualidade de vida e encurtando sua existência.

Para Simone de Beauvoir (1990, 17) “[...] a luta de classes determina como o homem é surpreendido na velhice; um abismo separa o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive com uma pensão miserável e um Onássis.”

Entre toda a heterogeneidade da velhice vale ressaltar a velhice excluída, que de acordo com Magalhães (1989) onde no interior do país os centros emissores das correntes migratórias de mão de obra para os grandes centros industrializados, os homens jovens e economicamente ativos buscam novas oportunidades de emprego e sobrevivência deixando para trás as crianças, as mulheres e os velhos, velhos estes que muitas vezes se responsabilizam pelas mulheres e crianças esquecidas naquele território, acarretando maior responsabilidade em uma velhice já excluída e hipodotada pelas características adversas da vida nestas áreas rurais.

Magalhães (1989) também menciona a velhice do pseudo-idoso, aquele trabalhador (a) entre 40 e 50 anos de idade, que está muito jovem para se aposentar, mas velho demais para

uma reinserção no mercado de trabalho, um mercado cada vez mais seletivo e restrito, onde não há trabalho suficiente para todos aqueles que precisam exercê-lo, excluindo todo um contingente de trabalhadores.

Camarano e Fernandes (2014) conceituam a classe de trabalhadores maduros desempregados como os “nem nem”, onde em uma análise limitada, questionam mas não respondem “o que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados?” A culpabilização do sujeito em relação ao desemprego traz uma perspectiva limitada ao não se verificar o processo de exclusão ocasionado pelo sistema sociometabólico do capital, exclusão esta que se acentua com o avanço do processo de envelhecimento.

O desemprego e a precarização atingem frontalmente a classe de trabalhadores maduros e velhos, que não conseguem uma colocação no mercado de trabalho formal empurrando-os para o mercado informal, subempregos, “bicos”, serviços subcontratados e flexibilizados.

As relações sociais ditadas pelo modo de produção capitalista em sua fase mais atual, a globalização ou a mundialização financeira se mostram como condicionantes do processo de envelhecimento humano, se diferenciando de acordo com a desigualdade imposta entre indivíduos e populações.

[...] considerando-se que o homem envelhece sob determinadas condições de vida, fruto do lugar que ocupa nas relações de produção e reprodução social, não se podem universalizar suas características no processo de construção das bases materiais da existência, porque os homens não vivem e reproduzem como iguais, antes, são distintos nas relações que estabelecem na produção de sua sociabilidade, principalmente na sociabilidade fundada pelo capital, em que desigualdades, pobreza, e exclusões sociais lhe são iminentes, reproduzidas e ampliadas no envelhecimento do trabalhador. Teixeira (2008, p.30)

Assim a velhice na sociedade capitalista, onde as pessoas necessitam de vender a sua força de trabalho para sobreviver, subordinando as suas necessidades e qualidades ao caráter “prioritário” ditado por um sistema que não se importa com o desenvolvimento humano em suas múltiplas faces, mas sim, em determinar uma vida regida pelo relógio e pela produção, estabelecendo metas, comportamentos e valores que privilegiam o modo de produção e a localização que se ocupa na divisão de classes.

Se entre os valores fundamentais da sociedade capitalista tempo é dinheiro, o tempo de vida do(a) trabalhador(a) coincide com o tempo de seu processo produtivo, assim a relação entre homens passa a ter uma forma fantasmagórica de uma relação entre coisas, denominado por Marx (2008, p.94) como *fetichismo*, onde se fragmenta a vida humana em fases que serão coisificadas.

Paiva (2014) nos traz a seguinte afirmação “a posição de classe de quaisquer grupos diferentes de pessoas é definida por sua localização no comando da estrutura de capital e não por características secundárias, como o “*estilo de vida*”. (apud MÉSZÁROS,2002,p.44 Grifo do autor).

A linha de raciocínio aqui proposta corrobora com a linha de estudo de duas autoras referências na análise crítica do processo de envelhecimento, Paiva (2014) e Teixeira (2008), ambas se posicionam a favor da leitura de um processo de envelhecimento “[...] reproduzido nos limites das condições concretas no espaço e no compasso do tempo do capital [...]” (PAIVA, 2014 ,p.30).

[...] o envelhecimento constitui um problema social, principalmente, para as classes destituídas de propriedade (exceto de sua força de trabalho) e de controle do seu tempo de vida, em função das contradições e determinações da sociedade capitalista que engendram desigualdades, vulnerabilidade social em massa, degradações, desvalorizações e pseudovalorizações, para esta classe social, especialmente um avanço da idade cronológica, com o desgaste da força de trabalho. (TEIXEIRA, 2008, p.23)

Desta maneira, a lógica expansionista do capital determina tanto formas de desvalorização social dos trabalhadores envelhecidos quanto a pseudovalorização de uma parcela deles, onde o acesso a uma renda, mesmo que mínima de aposentados e pensionistas, ascende-os à condição de consumidores manipulados de mercadoria, bens e serviços, recolocando-os no sistema capitalista, não mais como vendedores de sua força de trabalho (pois não mais a possuem), mas como consumidores.

Trata-se de uma visão do envelhecimento que supervaloriza a velhice, vendendo-a como tempo-livre, lazer e realização pessoal, esta abordagem é amplamente difundida por programas e por políticas públicas, iniciativa privada e apropriada pelos próprios sujeitos, em associações, clubes, centros de convivência, etc. Estas imagens da velhice bem sucedida, saudável e ativa

[...] camuflam o envelhecimento do trabalhador e a sua velhice doentia, dependente pobre e desprotegida, negando ‘a problemática social’ do envelhecimento, tratando como de responsabilidade dos indivíduos, um problema que é social por meio da difusão de uma cultura autopreservacionista que pretensamente seria capaz de evitar os efeitos do envelhecimento. Teixeira (2008, p.82)

A ideologia impregnada em nossa cultura apresenta um caráter de seleção, preconceito e discriminação tidos no senso comum como normais. Desta forma o envelhecimento não é visto em sua totalidade, como parte de um processo multidimensional da vida humana, assim, ao invés de homens e mulheres velhos serem vistos como experientes, vividos, sábios devido a sua longa vida, são atrelados a um sistema de valores que elege a juventude como uma fase ideal, supervalorizada, que deve ser alcançada de qualquer maneira.

Em nossa sociedade naturalizamos com muita facilidade aspectos que deveriam causar indignação e uma busca incessante por transformação tais como a exploração do homem pelo homem, as desigualdades sociais, o preconceito, a violência e a intolerância e não se consegue aceitar o natural, aceitar o processo de

envelhecimento e a velhice, aceitar que cada fase da vida apresenta uma peculiaridade, aceitar o curso de vida com naturalidade, entendendo que a velhice também é tempo de viver, que os velhos continuam sendo seres humanos assim como as crianças, jovens e adultos.

A partir do fator cronológico o indivíduo é enquadrado no aparato legal, encaminhando e atendido por instituições específicas. Tal lógica direciona as políticas sociais, determinando o tipo de acesso que cada indivíduo deve ter. “Também definirá, pelo menos em texto, o tempo de estudar, de trabalhar e o de se aposentar, ditando regras que antes pertenciam ao domínio privado, familiar.” (PAIVA, 2014, p. 143)

Na organização social brasileira, a fragmentação cronológica privilegia a juventude, considerando sua capacidade funcional ao sistema, menosprezando e desvalorizando a velhice, negando-a.

Para Kohli e Meyer (1986 apud DEBERT 2012, p. 50) há um processo de individualização que é próprio da modernidade, onde a “cronologização da vida” institucionaliza o curso da vida humana, envolvendo praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, estando presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas, que cada vez mais tem como alvo grupos etários específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perece-nos claro que a velhice do ponto de vista social, cultural e econômico, demonstra uma heterogeneidade muito maior do que se analisada apenas por fatores físicos e biológicos, é uma velhice fragmentada entre a velhice dos ricos e a velhice dos pobres, miseráveis operários, marcada pela divisão de classes. Assim, as relações de produção determinam a concepção de velhice, marcando a experiência de vida desses sujeitos.

Pensar em envelhecimento e velhice nos remete a uma reflexão da sociedade estruturada no modo de produção capitalista, a

organização social, seus costumes, hábitos e valores são baseados a partir da estruturação das relações de produção e reprodução social.

Como vivemos, o que queremos, quais são nossos valores, quem são nossos velhos, o que é a velhice? São questionamentos fundamentais para analisarmos o envelhecimento e a velhice e seus desafios em um mundo onde cada vez mais se valoriza o que não têm importância e se despreza o que realmente vale a pena.

Parafraseando Carlos Drummond de Andrade (1982, p.166) “Este é tempo de divisas, tempo de gente cortada”, gente que não consegue se ver em sua humanidade, gente que não entende que o velho também é gente...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Nosso tempo*. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO.A.; FERNANDES, D. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? *Boletim Mercado de Trabalho. Conjuntura e análise*. Brasília n.57.p. 21-30.ago/2014. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=23659> Acesso em: 26 maio 2015

COSTA, Joice Sousa. *Velhice, ideologia e crítica : uma análise sobre a participação,protagonismo e empoderamento dos (as) velhos (as) nos espaços das conferências / Dissertação de Mestrado*. Unesp– Franca : [s.n.], 2015.166 f.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (Org.). *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Introdução. Campinas: Alínea, 2003.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, Marilda Vilela. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social/ 3.ed.* São Paulo: Cortez,2008.

MAGALHÃES,Dirceu Nogueira. *Invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989.

MARX, Karl. *O capital: critica da economia política*. 26 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Genebra, 2015

PAIVA, Sálvea Oliveira Campelo. *Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital*. 1 ed.. São Paulo: Cortez, 2014.

SALGADO, Marcelo Antonio. Envelhecimento, um desafio para a sociedade. *A Terceira Idade*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 4-13, set. 1988.

TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.